



# “Sero Nimis” ou “Ao Amor ninguém Escapa”

A propósito da Loiça de Mesa entre os séculos XV e XVIII



Solar do Ribeirinho  
Núcleo Museológico de Machico

# Índice

<b>0. Apresentação</b>		<b>Região Autónoma da Madeira.</b>	
António Luís Olim	5	Élvio Duarte Martins Sousa	47
<b>1. “Eros nimis” – Uma chave para a compreensão do serviço de mesa em que assenta o núcleo central da exposição</b>		<b>5. Os preceitos morais – Do papel para a cerâmica ou um “jantar filosófico”</b>	
João Palla Lizardo	7	João Palla Lizardo	69
<b>2. A loiça que levamos à mesa</b>		<b>6. Notas várias: As formas das peças cerâmicas e sua designação</b>	
João Palla Lizardo	11	João Palla Lizardo	74
<b>3. A mesa nos séculos XVI a XVIII: algumas achegas</b>		<b>7. A palavra ao colecionador</b>	77
Isabel Maria Fernandes	27	<b>8. Catálogo</b>	
<b>4. Loiça de “mesa” dos séculos XV a XVII do território da Antiga Capitania de Machico. O contributo dos trabalhos arqueológicos na</b>		Élvio Duarte Martins Sousa; João Palla Lizardo e Lúcia Gonçalves	78



## Loiça de “mesa” dos séculos XV a XVII do território da Antiga Capitania de Machico- Madeira.

O contributo dos trabalhos arqueológicos na Região Autónoma da Madeira.

Este texto procura reflectir o leque morfológico dos componentes cerâmicos recuperados em trabalhos arqueológicos terrestres realizados na Ilha da Madeira, em particular na área geográfica que compunha a antiga Capitania de Machico.<sup>1</sup> Uma fatia considerável de uma amostra analisada de mais de 5600 unidades poderá enquadrar-se no conceito abstracto e actual da “loiça de mesa”.

<sup>1</sup> A capitania-donatária de Machico abrangia, até o século XVII, o espaço que compreende a Ponta da Oliveira, no Caniço, até à Ponta de São Lourenço e desta até à Ponta do Tristão, no Porto Moniz. O cônego Jerónimo Dias Leite dá-nos um registo pormenorizado dessa divisão geográfica: “Desta ponta do Pargo vira a terra pera ho norte ate outra ponta que distaraa desta tres legoas, ha qual mandou descobrir por Tristão, e por ser elle ho primeiro que chegou a ella lhe ficou ho nome que hoje tem ha Ponta de Tristão, que jaz aho Noroeste. E daqui pera tras traçou ho capitão João Glz ha Capitania de Machiquo que ficou ha Tristão como trazia por regimento do Infante dom Henrique, partindo ha ilha de Noroeste asueste, que vem sair aoutra Ponta da banda do Sul, em que se afincou hum Ramo, ou paa de Oliveira (que viera do Regno) por baliza desta jurisdição (...)” (LEITE, 1947: 24).

A louça, pelo menos nos primeiros tempos do século XV, terá vindo de Lisboa, Porto e Setúbal. Esta situação poderá ser confrontada arqueologicamente com a análise macroscópica das pastas cerâmicas, e onde inclusive o grupo de Aveiro – bastante comum nos finais do século XVI e meados do XVII – é inexistente nos primeiros estratos antrópicos insulares.

O universo da produção local (madeirense), já hoje conhecido fruto da excelente colaboração do Professor Fernando Castro da Universidade do Minho (TecMinho) não surge discutida neste breve estudo.

O artigo caminha para uma leve aproximação do conhecimento da louça que eventualmente acompanhava as refeições insulares numa espessura diacrónica considerável, tendo como ponto de partida a informação arqueológica e a documental.

### 1. As inevitáveis importações cerâmicas do Continente Português

O povoamento dos arquipélagos atlânticos nas primeiras décadas do século XV implicou a construção de raiz de infra-estruturas, traçados e usos do espaço à imagem de um modelo de origem adaptado à orografia insular. Do “Reino”, no século XV, vieram as gentes e as coisas. Houve

que providenciar o transporte de pessoas, animais, plantas, instrumentos, de forma a erguer nos territórios desertos as condições de habitabilidade e de produção adequadas. Os apetrechos de cerâmica terão chegado aos milhares aos portos insulares com o objectivo de cobrir as necessidades quotidianas da população recém-chegada, ao mesmo tempo que se confeccionaram objectos em madeira: as multiformes louças de pau, conjunto que faremos referência mais adiante.

Entre os séculos XV e XVII contabilizam-se várias referências documentais relativas à entrada de louça originária de Portugal Continental, nomeadamente de Lisboa, Setúbal, Aveiro e Porto. Dentre dos serviços mais utilitários destacam-se, a louça de cozinha, a cerâmica de revestimento e de armazenamento, as formas e açúcar e a louça fina não vidrada.

No final do século XV (1485 e 1486), as Vereações da Câmara Municipal do Funchal situam a proveniência de conjuntos de louça e de cerâmica de construção (telhas) oriundas da várias parte dos Reino, a saber: “pannelas do Porto”, “louça de Lixboa” e “louça de Setuall”<sup>2</sup>. O regimento do guarda-mor da Cidade do Funchal, de Janeiro de 1512, ilustra alguns dos produtos chegados do Continente: pescado, sardinha, carne, ferro, azeite, telha e barro. (AHM, 1974, Vol. XVIII: 542).

No século XVII chegam carregamentos de louça de várias localidades do continente português,

com especial atenção para as produções de Aveiro. Salientam-se os carregamentos de cerâmica dos portos de Aveiro para a ilha da Madeira: em 1667, louça vermelha (20 carros); em 1670, louça (4 carros), em 1682, louça (20 carros) e em 1699, louça vermelha (10 carros), (LEÃO, 1999:1 23-149). Para a primeira metade da mesma centúria, temos o conhecimento detalhado de um fretamento de uma embarcação, de nome “Santo António”, pelo comerciante Gaspar Pires Machado, para se deslocar a Aveiro e à Madeira, a fim de transportar louça, isto em 17 de Julho de 1623 (MOREIRA, 1990), e de um outro, de 9 de Junho de 1632, que menciona a chegada ao porto do Funchal da embarcação de nome “Santíssimo Sacramento”, propriedade de Manoel Louiz, alemão, declarando que trazia sal e louça: “Na ditta Vereação veo a camara Manoel Louiz? Alemao mestre de sua caravella por nome Santissimo Sacramento que veo de Aveiro e declarou que elle trouxe Sal e Lousa que podia tudo importar cento e sincoenta mil reis pouco mais ou menos (...)”<sup>3</sup>

Respectivamente, nos anos de 1670 e 1682 chegam ao Funchal vários carregamentos de louça do Norte do país: Prado (louça amarela, 22 dúzias em 1687) e Vila Nova de Gaia (louça branca, 8 caixões e 150 dúzias (LEÃO, 1999: 123-149) e de Lisboa (para o consumo interno do Convento da Encarnação no Funchal (GOMES, 1995: 264-265).

Nesta temática julga-se interessante conjecturar que a entre os finais do século XVI e a segunda metade do século XVII a louça utilitária proveniente

de Aveiro fosse profundamente conhecida e comercializada nos mercados ilhéus. Esta situação terá manifestamente criado uma relação morfo-geográfica entre um fabrico local de cerâmica e o alegado modelo de referência de importação, como se comprova pela relação de peças e de preços das posturas do século XVI da Câmara Municipal do Funchal, onde surge a terminologia “alguidar daveiro” (Fig.1).<sup>4</sup>



1. Posturas que fizerão os officiaes do anno de oiteta e sete (1587), (ARM, Posturas, L.º 685, fls. 60-67).

<sup>2</sup> Cfr., Vereações da Câmara Municipal do Funchal. Século XV, 1.ª edição, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1995, p. 100: “Item acordaram e detrimjnaron que Fernandeanes mercador que comprou as panellas do Porto antes dos quinze djas da postura que page a pena que ssom trezentos rrs. E mães a dicta louça sse rreparta per o dicto pouoo” / “Item no dicto dia detriminarom que Gil Enes alffayte page iijc rrs. de pena em que cayo por comprar louça de Lixboa ante de Sam Joam esto antes dos quinze djas conteúdos na pustura e que a louça rreparta per o pouo” (COSTA, 1995:100).

<sup>3</sup> ARM, CMF, Livro de Vereações, L.º 1326, 1632, fl. 33.

<sup>4</sup> Cfr. Posturas que fizerão os officiaes do anno de oiteta e sete (1587). Arquivo Histórico da Madeira. Vol I, n.ºs 1 e 2, 1931, p. 15-20 ou ARM, Livro de Vereações, fl.9, 6 de Janeiro de 1627.

## 2. A necessidade de categorizar funcionalmente os bens cerâmicos

Além da elementar tarefa de quantificação, a categorização funcional da cerâmica representa um meio para garantir inteligibilidade à cultura material, ou seja, uma forma de conceber conteúdos de inserção da componente ceramológica na quotidianidade histórica dos ambientes em estudo. Com efeito, procura-se estabelecer uma relação entre os dados cerâmicos e as actividades quotidianas, tendo presente as dificuldades ao nível do paralelismo e da acção de reduzir a multiplicidade de objectos a uma categorização que surge inevitavelmente unitária, convencional e estática. Acompanhando a concepção morfológica e a variedade formal – que se complexifica com o advento da Época Moderna e com a consequente introdução de alimentos, sabores e outras práticas exógenas oriundas das relações comerciais com o exterior – os artigos visaram funções utilitárias nas tarefas quotidianas da época.

O fabrico secular das cerâmicas obedecia, a priori, a uma finalidade específica. A classificação em categorias funcionais, agrupando as cerâmicas segundo a sua suposta utilização, é uma criação convencional aos olhos da contemporaneidade e que tem que ser vista com uma significativa versatilidade, além da condicionante formação do

autor dessa construção. Deste modo, os serviços de mesa, onde se incluem genericamente os pratos, escudelas, os púcaros e pucarinhos, copos, saleiros, jarros, tigelas, garrafas, surgem um sub-grupo da série de “Cerâmica de Serviço e de Apresentação de Alimentos” que recentemente se estabeleceu para um estudo académico já citado<sup>5</sup>.

Importa, ainda, considerar o seguinte. A dualidade funcional dos artigos cerâmicos é uma questão nuclear, que surge indiciada neste estudo. É provável que um dado recipiente, tradicionalmente afecto ao serviço de mesa tenha servido complementarmente outras funções, nomeadamente as culinárias. É o caso específico dos púcaros ou dos pucarinhos (Legs. 25 e 40), usados para servir líquidos à mesa ou para beber, mas que ao exibirem sinais evidentes de exposição ao fogo possam ter servido uma função culinária, muito provavelmente para aquecer líquidos. A mesma inferência se coloca na questão das tigelas.

## 3. Viver dentro de casa: os serviços de mesa

A cozinha madeirense menos abastada é, pela análise etnográfica, parca em utensílios cerâmicos. Kate Brüdt, na descrição do interior da casa madeirense do início do século XX, destaca quatro

<sup>5</sup> Conforme estabelecemos para a tese de doutoramento: na utensilagem doméstica identificam-se grupos de cerâmica com funções distintas: de cozinha, utilizados na preparação dos alimentos sobre o fogo; de mesa, destinadas à apresentação dos pratos à hora das refeições ou para servir condimentos e temperos; de armazenamento, conservação e transporte de sólidos e líquidos; contentores de fogo, próprios para albergar combustíveis para aquecimento ou iluminação; de uso complementar, adaptados tanto ao uso sobre a mesa, na cozinha, ou para a higiene pessoal; objectos de carácter lúdico, ligadas ao entretenimento, peças de jogos ou brinquedos (SOUSA, 2011).

objectos de cerâmica em uso na cozinha: a bilha, a infusa, o alguidar e a púcara (Fig. 2, BRÜDT, 1937: 87). Para essa centúria a comida era confeccionada numa panela de ferro bojuda com três pés e duas asas laterais, sem apoio de correntes de ferro de elevação panorama que pode perfeitamente ser extrapolável aos séculos XVIII e XIX.



2. Reportório formal cerâmico de cozinha segundo (BRÜDT, 1937: 87).

Para os séculos XV e XVI a utensilagem de mesa seria eventualmente diversificada, sobretudo para os grupos sociais mais endinheirados. Para a serventia individual e na classe da cerâmica comum ou vidrada (incluindo a louça esmaltada e

a faiança), teríamos a escudela, a tigela e o prato, acompanhados pelos púcaros e pelas bilhas (e nalguns casos pelos recipientes de vidro), contando também com a presença das salseiras (no caso da comida ser acompanhada por algum condimento servido à parte) e provavelmente de um saleiro comum.

A escudela, a tigela e o prato são peças que conquistam o gosto da “mesa” moderna, adaptando-se às novas formas de cozinhar e de organizar os sabores. Os cereais (sob a forma de pão, papas ou sopas), a carne, o peixe e o vinho constituíam basicamente o essencial da alimentação que, inevitavelmente, se enriquece e se acentua, sobretudo pela condimentação adquirida pelo processo da Expansão Portuguesa<sup>6</sup>. Há, pois, novos alimentos em circulação: especiarias, milho, tomate, pimentos, batatas, feijão-verde, entre outros.

Nos séculos XVII e XVIII a utensilagem cerâmica de mesa herdou as formas da centúria anterior, denotando-se uma maior frequência das peças para uso individual: tigela e escudela para ingestão de alimentos (sobretudo os liquefeitos) e pratos individuais.

### 3.1. Os raros talheres de mesa

O acto de comer à mesa, que assentava tradicionalmente na partilha da comida em escudelas e pratos comuns<sup>7</sup> (ARNAUT, 1986: 77; MARQUES, 1987:1-9; LAURIOUX, 1992: 96; FERRO, 1996: 37), tende a esbater-se, generalizando-se uma

<sup>6</sup> Cfr. João Pedro Ferro, *Arqueologia dos Hábitos Alimentares*, Lisboa, 1996, pp. 15-16.

<sup>7</sup> Esta situação esteve provavelmente na origem da expressão: “comer com alguém no prato”.

atitude mais individualizante. Posteriormente ao século XVII, os modos de comer sofrem alterações, sobretudo no que diz respeito à utilização dos talheres e do hábito de comer-se em pratos individuais e de beber-se em copos de vidro.

Utilizemos um exemplo do “*Novo Mundo*”. James Deetz, referindo-se aos hábitos de comer na América do século XVII, dá conta da existência de uma baixela de madeira (“*trencher*”) que era colocada sobre o centro da mesa para uma utilização colectiva, enquanto a tigela de porcelana de importação - como recipiente de excepção nas habitações - era colocada numa estante. Em meados do século XVIII com o processo de individualização mais generalizado, a baixela de madeira dá lugar à tigela de porcelana que deixa a sua função inicial, mais expositiva, para corresponder a outras necessidades da alimentação quotidiana que afastam cada comensal do contacto com os outros (DEETZ, 1980: 40-45).

Este costume de comer usando um recipiente comum foi, justamente, observado igualmente por Kate Brüdt, nos anos trinta do século XX (Fig. 3), nas comunidades rurais da Ilha da Madeira: “*A comida, quasi sempre muito escassa, é deitada numa cesta em forma de prato, tampa. Geralmente põe-se a panela no chão e a tampa em cima, de maneira que esta desempenha ao mesmo tempo a função de coador. A família acocora-se em volta da tampa e cada qual tira o seu quinhão à mão*” (BRÜDT, 1937: 86).



3. Hábito de comer na “tampa” (BRÜDT, 1937: 86).

É possível que muitos dos talheres, além de metal, fossem de madeira, à semelhança de outras utensilagens em uso na cozinha e à mesa nesta época. Os dois únicos indícios materiais do serviço de mesa que apontam para o século XVIII foram recuperados em trabalhos de acompanhamento arqueológico de Santa Cruz (Legs. 44 e 45). Referencia-se o exemplar incompleto de uma colher de metal, com o cabo cilíndrico (Leg. 45), e um outro artigo em ferro (Leg. 44), que reproduz uma faca com uma extremidade pontiaguda, seguida de um corpo rectangular, exibindo uma lâmina lateral

lisa. O negativo do cabo alarga-se em direcção à extremidade e ostenta dois orifícios para conexão ao cabo, entretanto deteriorado. Mede 154mm de comprimento, integrando a lâmina de corte com uma largura máxima de 16mm e 11mm na área do cabo.

### 3.2. As louças de ir à mesa

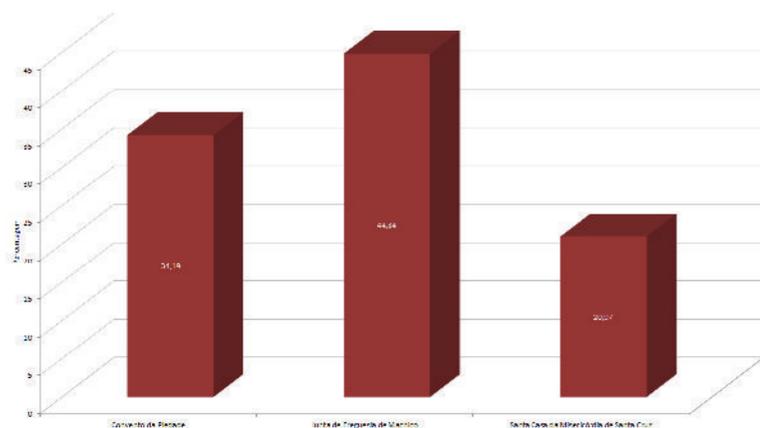
Nesta série funcional de louça de ir à mesa incluem-se um conjunto pluri-morfológico de recipientes, executados em cerâmica comum, cerâmica vidrada, grés e faiança. São eles: os pratos, as escudelas e tigelas, os copos, os púcaros e os pucarinhos, as salseiras, os jarros ou as bilhas, as taças e as garrafas.

Nesta problemática introduzem-se algumas questões complexas e que têm a ver com o uso social de alguns serviços de mesa, nomeadamente os de importação peninsular, europeia e oriental e, naturalmente, da própria faiança portuguesa. Embora nos pareça que a faiança de importação europeia e nacional fosse usada por fatias da população com maior poder de compra<sup>8</sup>, é compreensível depreender que a louça comum fosse consumida por quem tinha menor poder de compra e menor prestígio social. A situação da louça vidrada é uma outra questão discutível. A ausência da técnica do vidrado nas olarias insulares, antes

dos meados do século XIX terá inflacionado o valor da louça vidrada, tornando-a menos acessível do ponto de vista económico, exceptuando a pintada em óxido de estanho. Nos estratos do século XVI é possível verificar que os valores da cerâmica vidrada são muito baixos.

Nos séculos XVI e XVII a utensilagem cerâmica de mesa pela inferência arqueológica consistia, basicamente, numa triologia de uso individual composto pela escudela, pela tigela e pelo prato. Os pratos terão desempenhado, *a priori*, uma função muito semelhante à das tigelas ou das escudelas, e consubstanciarão a serventia à mesa, através da utilização individual. No gráfico da distribuição destas formas cerâmicas nos sítios arqueológicos em estudo com informação quantificável (Fig.4) estas atingem os valores representativos: 44,84% na Junta de Freguesia de Machico, 34,19% no Convento da Piedade e 20,97% na Misericórdia. Surgem numa tipologia variada ao nível do bordo e variantes de abertura e são confeccionados nos seguintes grupos tecnológicos: cerâmica comum com tratamento das superfícies à base de engobes (incluindo o grupo de pasta de Aveiro, Legs. 29, 27, 37 e 19); em cerâmica vidrada (sobretudo melados com decoração geométrizante a óxido de manganês, Legs. 38 e 39); e cerâmica esmaltada e faiança de importação nacional (Legs. 24, 26 e 42) e europeia (da Andaluzia, de Itália, Países Baixos e França).

<sup>8</sup> Como comprova o estudo de Isabel Fernandes e Francisco Faure “os pratos de faiança eram considerados de maior valor – quer nos custos de aquisição quer em termos de projecção social – do que os de louça vidrada. No Mosteiro de Tibães, no rol de loiças que os beneditinos compravam nos séculos XVII e XVIII, e que foram apontando no “Livro de gasto de Congregação”, aparecem pratos de faiança e pratos vidrados especificando-se pelo menos três vezes “pratos vidrados para os criados”. Ou seja, os pratos de faiança eram utilizados no serviço aos monges e os vidrados utilizados pelos criados” (FERNANDES, FAURE, 2010: 34).



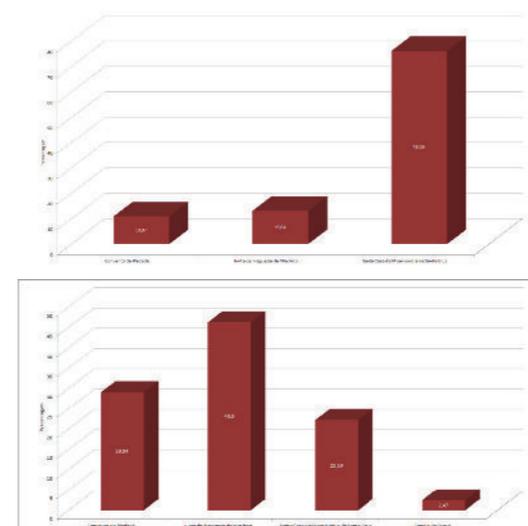
4. Gráfico de Distribuição do Grupo Tipológico dos Pratos nos vários Sítios Arqueológicos.

As pastas dos pratos melados são normalmente de textura semi-compacta e homogénea e de tonalidades rosa (M37 e N57) e bege (K91). Os bordos são de tipologia extrovertida e os lábios boleados e afilados (Legs. 38 e 39) com diâmetros variáveis a atingir dimensões máximas de 280mm de abertura. Os outros exemplares congéneres, executados a vidro de estanho (sem decoração ou combinando o azul sobre o branco e o azul e vinado com temas decorativos geométricos e vegetalistas) atingem tamanhos significativos, ou seja, 280mm nos pratos sevilhanos do tipo Isabella Polychrome (Leg. 32), 223mm nos azuis lineares (Leg. 31) e 225mm nos brancos lisos sem decoração (Legs. 22 e 23), com pastas de cor rosada (K29) e cremes (K51 e K71). O interior destes pratos reserva um ônfalo saliente, rodeado de um filete relevado. As bases são de assentamento e aresta.

<sup>9</sup> Encontramos alguns paralelos com estes pratos em Cascais (CARDOSO, RODRIGUES, 1999:195, 202) e Almada. Um outro prato (JFM/00-3-501) com brunido interno de cor vermelha M37 (Cailleux), de pasta compacta acinzentada, encontra consideráveis semelhanças com uma forma exumada nas escavações da Ria de Aveiro (Formas 2 e 3), (AAVV, 1998:193), sobretudo na sua forma tronco-cônica e acabamento das superfícies.

Um tipo de loiça muito característica à mesa dos ilhéus é o prato de importação de Aveiro (Legs. 19 e 36). Apresentam, geralmente, as pastas avermelhadas compactas, com as superfícies internas engobadas e brunidas, com bordos extrovertidos e lábios ligeiramente afilados.<sup>9</sup> É, em síntese, um recipiente usado frequentemente na serventia à mesa e usado para a ingestão de alimentos, correspondendo na maioria dos casos a dimensão aproximada dos pratos de sobremesa utilizados nos dias de hoje.

As tigelas e as escudelas (de diferentes dimensões) que no gráfico de distribuição das principais formas cerâmicas atingem valores de 46,30% e 76,09% são as peças mais comuns dentro dos grupos da cerâmica esmaltada e vidrada (Fig. 5).



5. Gráfico de Distribuição do Grupo Tipológico das Escudelas e das Tigelas nos vários Sítios Arqueológicos.

As escudelas são peças de serviço de mesa, na linha morfológica da tigela, mas com a particularidade de exibirem externamente uma carena que as singularizam das demais tigelas. Usada para serventia de alimentos líquidos ou liquefeitos, surge no registo arqueológico na modalidade tecnológica de cerâmica vidrada (melado com decoração a manganês e a verde liso, Leg. 43) e esmaltada (Leg. 34). Estas últimas, produzidas em série e fazendo uma dupla com os pratos esmaltados lisos e com decoração, atingem diâmetros de 164mm e as bases são geralmente em pé de anel, com a particularidade de mostrarem apêndices plásticos no bojo. Genericamente estas escudelas mostram um corpo hemisférico aberto, o lábio biselado ou boleado e com uma carena acentuada. As bases variam entre o assentamento discoidal e em aresta.

Um exemplar esmaltado (Fig.6), com uma asa lateral em formato triangular recortado (tipicamente conhecido por escudela de orelhas), foi recolhido dos estratos do século XVI da Junta de Freguesia de Machico, e é amplamente retratado com decoração dourada na pintura portuguesa do século XVI.

6. Fragmento de uma possível asa de uma escudela de formato triangular (JFM/06-22-3521)

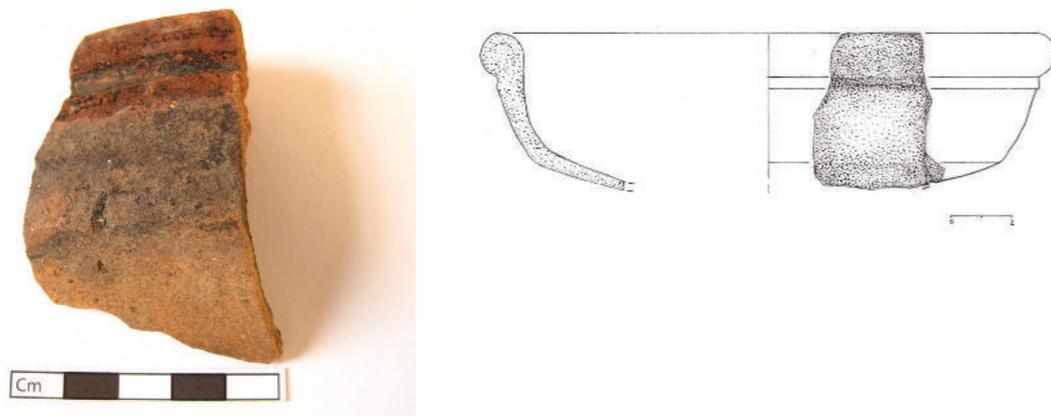


<sup>10</sup> Cfr., AHM, Vol. I e II, 1931.

As tigelas eram peças igualmente imprescindíveis nos lares quinhentistas, pois eram usados para diversas finalidades, entre as quais a de cozinhar e a de servir alimentos. Surgem nas variantes tecnológicas de cerâmica comum (inclusive nas séries de importação de Aveiro (Leg. 21) e nos conjuntos de produção das olarias insulares, (SOUSA, 2011), vidrada, esmaltada, faiança (Leg. 24) e cerâmica preta, (atingindo valores significativos nos gráficos de distribuição morfo-tipológicas dos sítios arqueológicos inventariados. De uma maneira geral possuem os bordos direitos ou com inflexão externa e lábios de tipologia afilada ou convexa.

É interessante verificar que na lista de preços das posturas funchalenses de 1587<sup>10</sup> o termo tigela surge com duas funcionalidades individualizadas, “tigella de fogo de duas canadas” e “tigella de comer”, demonstrando a versatilidade desta peça como apetrecho culinário e de serventia de mesa. No entanto, a leitura do documento pode revelar três tipos de tigela, a de comer, a de fogo e a tigela propriamente dita (Hua de quatro orelhas grande oitenta rs, outra pequena cinco rs). Quanto aos indicadores de capacidade e de tamanho, verificamos que a tigela de fogo possuía três tamanhos: uma maior, de “três canadas”, uma intermédia de “duas canadas” e “huma mais pequena”, a dez réis. Um exemplar de perfil de cerâmica comum de importação (Fig. 7), com uma pasta de trama semi-compacta, núcleo acastanhado (N49, com desengordurantes micáceos e quartzosos) e bordo direito, mostra nítidos sinais de exposição ao fogo, em ambas as superfícies. Pode, neste caso, coincidir com a utilidade variada desta peça nas lides de cozinha e de mesa da Época Moderna.

7. Fragmento de bordo e bojo de uma tigela de cerâmica comum com nítidos sinais de exposição ao fogo (JFM/06-22-3088).



Buscando um exemplo do vizinho arquipélago dos Açores, mais propriamente de uma relação de posturas da Ilha Terceira de 1788 referem-se dois tamanhos de tigelas: as “grandes” e as “menores cada hua cinco reis” (RIBEIRO, 1982, I: 580). É admissível que a designação de tigela, na actualidade, signifique um vaso para beber ou para uso doméstico, de acordo com as dimensões, sendo a expressão tigela de fogo muito comum no século XX, para a distinção da loiça de água (RIBEIRO, 1984: 61). Esta mesma investigadora expressa a difusão do termo tigela associado as mais diversas utilidades no século XVI, respectivamente as modalidades de cerâmica comum e vidrada: “Além da tigela de fogo propriamente dita, existiam “tigelas para gente”, tigelas maiores “para comer em companhia de gente”, tigelas para salgar carne, tigelas com seu cabo de palmo, tigelas para cozer lampreia e tigelinhas aferidas para se saber as onças e quantidade de sangue que se tirava e que todos os sangradores e barbeiros eram obrigados a possuir em reserva, e havia “outras maiores respolgadas pelas bordas”, isto é., Com repolego (cordãozinho torcido de barro)” (RIBEIRO, 1984: 62; CARVALHO, 1917, VI: 193).

Este uso multifacetado da tigela à mesa da Época Moderna complementa-se com o uso da tigela para a serventia da batatada, um doce habitual no Natal do século XVII, confeccionado com açúcar e batata (e eventualmente almíscar), sendo uma doçaria remetida inclusive da Madeira para Lisboa (GOMES, 1995: 142). Tratava-se de uma doçaria que exigia um recipiente de suporte e daí provavelmente o recurso às tigelas para a sua conservação. No Convento da Encarnação do Funchal era habitual a importação de louça para a serventia de doces à comunidade de religiosas e para oferta (GOMES, 1995: 262-265). Curiosamente, os oleiros de Coimbra confeccionavam, também, variantes “maiores para na comer companhia de gente Reall” (CARVALHO, 1917, VI: 233).

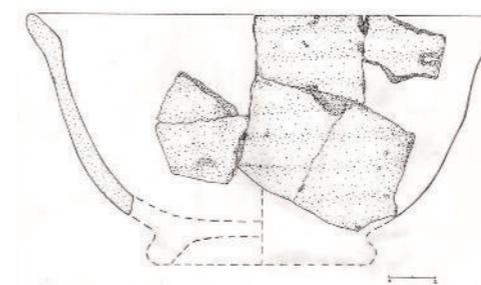
Estas vasilhas, com especial significado para as de cerâmica comum, exibiam as bases de assentamento anelar e as superfícies apresentam-se engobadas e polidas, característica muito singular das peças utilitárias das produções de Aveiro. Os diâmetros variam entre os 150mm e os 160mm. Nas variantes vidradas, as paredes são tipologicamente

convexas e exibem, pontualmente, a cobertura com vidrado verde que escorre em parte para o exterior da parede, e um vidrado amarelado interior, coincidindo com a tradição árabe (Fig.8). As pastas mostram tonalidades rosas (M39) com núcleos de textura compacta.

ou para levar condimentos. Do ponto de vista quantitativo, ocorrem em números expressivos no Convento da Piedade de Santa Cruz, nomeadamente pela presença das faianças portuguesas dos séculos XVII e XVIII. Além da faiança, estas taças estão presentes nos sítios arqueológicos do território da antiga Capitania de Machico nas modalidades tecnológicas da cerâmica comum e de cerâmica vidrada (Fig. 9).



8. Conjunto de seis fragmentos colados de um perfil de uma tigela com bordo ligeiramente extrovertido e lábio convexo (JFM/06-22-86).



As taças equivalem morfologicamente à tigela. Todavia, são peças de maiores dimensões, com diâmetros externos normalmente superiores a 200mm. Seriam peças preferencialmente para a utilização individual no serviço de mesa, designadamente na preparação de alimentos e



9. Fragmento de perfil de taça esmaltada a branco e pintada a azul-cobalto. Predominam os motivos de natureza fitomórfica e geométrica (ALF/00-4-52).

Os púcaros ou os pucarinhos exibem formas geralmente globulares, de tamanhos distintos (alguns dos quais em cerâmica fina não vidrada), com adereços de asa verticais. Utilizavam-se à mesa para a serventia de líquidos (conter e beber), embora também se admita a sua utilização na cozinha, considerando as superfícies enegrecidas por acção do fogo (podem ter sido usados para cozinhar ou aquecer pequenas quantidades de alimentos, facto atestado pela observação das peças Leg. 40). A taxa dos oleiros de Coimbra, de 1573, demonstra uma variedade de púcaros: uns para beber com o seu alguidarzinho de base e a cobertura com testo, outros exemplares de coruchéu com pé e ainda vasilhames para beber, sem pé (CARVALHO, 1917,

VI: 233). As posturas da Câmara do Funchal atestam dois tipos de púcaros: “*pequenos de aza*” e de “*duas azas de hua canada*”.

Os copos são outras peças relativamente raras no contexto de estudo. Surgem, apenas, nas variantes de cerâmica vidrada (Fig. 10). A ausência do registo arqueológico destes recipientes usados para a serventia de mesa na ingestão de líquidos pode ser explicada pelo uso de outros serviços, tais como os púcaros e as escudelas, provavelmente utilizados na função de ingestão de alimentos liquefeitos. Os exemplares disponíveis mostram o corpo cilíndrico, munido de asas verticais (ou não), que arrancam imediatamente a seguir ao bordo; e o bordo de tipologia direita ou introvertida.



10. Fragmento de bordo e bojo de um recipiente fechado de cerâmica vidrada (copo) em tons melados (JFM/06-22-3098).

Um outro serviço individual que acompanhava os comensais à mesa era a salseira, nomenclatura que se adopta doravante, em detrimento dos termos (especieiro ou godé) usado em estudos anteriores.<sup>11</sup> É uma espécie de prato de pequena dimensão, com diâmetros de boca a variar entre os 57mm e os 85mm.<sup>12</sup> Surge, apenas, nas modalidades tecnológicas de cerâmica esmaltada e vidrada (Leg. 41). Nas peças esmaltadas os núcleos são claros (bege, K91), com escassos elementos não plásticos e as bases são rasas. Os bordos são direitos ou ligeiramente introvertidos e os lábios de tipologia convexa e afilada. Sobre a origem geográfica destas salseiras de louça branca nos séculos XVI e XVII, Isabel Fernandes refere os centros produtores de Lisboa, Porto e Gaia (FERNANDES, FAURE, 2010: 36-37).

Isabel Fernandes, que esclarece a adopção do termo, elucida a sua função na serventia de condimentos à mesa, para o tempero dos pratos: “*levar à mesa não apenas salsa (...) mas também “adubos” ou seja molhos e condimentos*”<sup>13</sup> (FERNANDES, FAURE, 2010: 36-38). Este tipo de peças, com uma percentagem

significativa reduzida no gráfico da distribuição morfo-tipológica da Junta de Freguesia de Machico surge à mesa dos ilhéus no século XVI, situação que pode igualmente estar conectada à introdução de novos alimentos e de condimentos, e ter assumido a função de especieiro.

Além destas peças existiam, também, os saleiros comuns, provavelmente peças de pequena dimensão,<sup>14</sup> e que aparecem nos inventários do século XVI das famílias senhoriais açorianas, com antecedentes de ligações comerciais com a Europa e com o Oriente: “*1 saleiro*” e “*1 saleiro de Pisa*” (GIL, 1979: 70). Além da confecção em cerâmica, as salseiras e os saleiros existiriam em madeira e em metal, como se pode constatar da leitura do inventário da Infanta D. Beatriz (FREIRE, 1914: 97-108).

As bilhas são outros vasilhames conter e verter líquidos de corpo globular ou piriforme, com um colo cilíndrico, e frequentemente uma asa lateral.<sup>15</sup> O índice alto de fragmentação das cerâmicas tem, neste caso em particular, dificultado a classificação morfológica destas peças ao serviço de mesa

<sup>11</sup> Vide Arqueologia na Área Urbana de Machico. Leituras do Quotidiano nos séculos XV, XVI e XVII, Gaula, 2003 (Dissertação de Mestrado em História Regional e Local apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

<sup>12</sup> Encontramos paralelos destas peças, em níveis do século XVI, em Almada, Cascais e Porto (PEQUITO, BARROS, 2000: 62; CARDOSO, RODRIGUES, 1999:196; TEIXEIRA, DÓRDIO, 1998: 117).

<sup>13</sup> Ou também para mostarda: “*sallceiras de mostarda, por cada hua dous reis*”, conforme a taxa dos malegueiros de Coimbra, de 1573-1574 (CARVALHO, 1917, VI: 234). Rafael Bluteau (1712-1728) define o termo salseira como o “*pratinho, que se põe na mesa com salsa picada*” (BLUTEAU, 1720: 452).

<sup>14</sup> Nos inventários do século XVII aparecem como peças de mesa (FONSECA, 1991: 180).

<sup>15</sup> As infusas ou pichéis eram cerâmicas usadas na contenção de líquidos. O termo infusa designa, “*uma peça com asa e bico oposto à asa usada no serviço de líquidos, principalmente água e vinho*” (FERNANDES, FAURE, 2010: 40). No vocabulário tradicional ceramológico madeirense designa uma vasilha mais ou menos bojuda com asa central e de bico oposto.

quinhentista. Do ponto de vista da seriação da amostra de estudo, esta forma está representada tecnologicamente nos vidrados verdes. Exemplifica-se com o interessante exemplar proveniente das escavações do Convento da Piedade, em Santa Cruz (Fig.11), exibindo um bico trilobado, uma asa de orientação vertical e uma base de assentamento discoidal. A asa vertical fitiforme arranca do colo e termina a meio do bojo. Peças idênticas, alegadamente de produção portuguesa dos fins do século XVI e inícios do seguinte, foram encontradas em Amesterdão e nas escavações subaquáticas de "La Trinidad" (HURST, NEAL, BEUNINGEN, 1986: 72-73; MARTIN, 1979: 279-302). Em Cascais, peças muito semelhantes estão identificadas em contextos quinhentistas (CARDOSO, RODRIGUES, 1999:s.p.).



11. Bilha vidrada a verde-escuro com pasta de textura semi-compacta de cor acinzentada (N71), (MQC 51063876).

Dos eventuais apetrechos de mesa faziam, ainda, parte as garrafas de cerâmica comum e de grés do Norte da Europa.

Os jarros ou bules de faiança portuguesa seriam igualmente serviços comuns nas mesas abastadas (Leg. 42). As pastas são de textura compacta, de cor creme (L75), com escassos ENP, e mostram figurações antropomórficas.

Apesar de muito raros no contexto arqueológico regional, é muito provável que as garrafas de grés importado, do tipo "Bellarmine", fossem utilizadas para o armazenamento de bebidas, inclusive o uso à mesa dos séculos XVI e XVII (Leg. 36). Um dos exemplares de importação germânica é o fragmento de semi-perfil de uma garrafa encontrada no Funchal, figurando a típica estilização antropomórfica masculina, encimada sobre um escudo de armas, e uma asa lateral de secção circular.

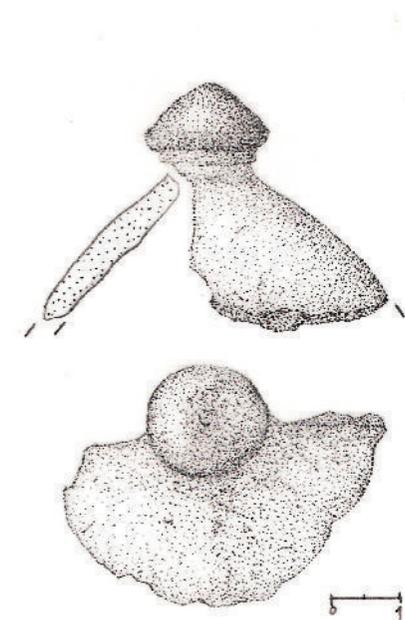
Um conjunto variado de peças cerâmicas necessitava de protecção da boca. Esta função é desempenhada pelas tampas ou testos, objectos geralmente em forma de disco (exceptuando-se os exemplares de cerâmica fina não vidrada), que acompanhavam as loiças de uso culinário (panelas) como também os contentores de armazenamento de líquidos e de higiene diária (bilhas, infusas,<sup>16</sup> cântaros, púcaros,<sup>17</sup> talhas, balsas e privados).<sup>18</sup>

<sup>16</sup> Vide por exemplo, a Tacha dos Oleiros de Coimbra, 1573-1574: "hua enfusa meã não pasara com seu testo de quatro reis" (CARVALHO, 1917, VI: 232)

<sup>17</sup> "Hum testo para cubrir o púcaro, meo real" (CARVALHO, 1917, VI: 233).

<sup>18</sup> "Huom privado de dous palmos e allto bem cozido e forte com seus testo" (CARVALHO, 1917, VI: 233-234)

Os exemplares publicados (Leg. 27, 29, 30 e Figs. 12 e 13) mostram alguma diversidade formal, se considerarmos os exemplares de cerâmica fina não vidrada de importação, e anexam geralmente, ao centro da superfície externa, um botão ou uma pega de prensão (pitorra) de perfil esférico ou cilíndrico. Este tipo de tampas coincide com um largo contexto temporal. Surgem tanto nos estratos quinhentistas e seiscentistas da área urbana de Machico (com 75,3% da Junta de Freguesia) e de Santa Cruz (com 24,64% da Santa Casa da Misericórdia), associados provavelmente ao uso culinário de panelas ou na cobertura de bilhas de produção local brunidas utilizadas na serventia de líquidos.



12. Elemento de tampa em cerâmica fina (JFM/05-20-43).

13. Fragmento de um componente de tampa, visivelmente decorado com retículas de transparência dourada sobre o esmalte branco (JFM/06-22-3048).



O mercado das importações europeias faz-se, também, representar nestes apetrechos. Os elementos mais característicos são os artigos europeus dourados e esmaltados a azul linear e a azul liso, bem como os de faiança portuguesa.

### 3.3. Outros recipientes de armazenamento de líquidos e sólidos da Época Moderna

Dentre os recipientes cerâmicos mais comuns para a armazenagem de líquidos e sólidos destacam-se os cântaros, os potes, as talhas e as anforetas. Pode-se supor, neste contexto, que seriam peças que davam apoio à loiça de mesa.

Os cântaros<sup>19</sup> eram usados frequentemente no transporte de água da área de recolha para a área de uso, bem como para conter esse líquido na área de cozinha. São vasos, em geral, de médio e grande porte e com uma dimensão superior às bilhas, e que morfológicamente se distinguem daquelas por terem duas asas verticais, colo alto e corpo tendencialmente globular e ovóide. Os exemplares disponíveis, sobretudo do grupo de pasta de Aveiro, restringem-se morfológicamente a elementos de bordo e bojo, componentes de pança e alguns possíveis fundos de base plana.

Um outro receptáculo de uso multifacetado de corpo bitroncocónico, sem asas, era o pote. Além de ter servido para guardar um certo tipo de alimentos como o mel, o doce e a banha, é provável que também acompanhasse os serviços de loiça à mesa, por exemplo para conter água.<sup>20</sup> A sua morfologia encontra afinidades com as das panelas de ir ao lume. A distinção entre as duas formas reside nas características de apresentarem uma maior dimensão e de não terem asas e sinais de exposição ao fogo. No inventário de bens que a infanta D. Beatriz, mãe do Rei Dom Manuel I, em 1507, deixou ao Convento da Conceição de Beja consta a existência de potes e panelas de importação com afinidades de uso comuns: (...) *três potes pequenos de conserva de borraees*, (...); *dous potes de Castella cheos despecie de limgoa de vaca daçuquar*, *duas panelas de Valemça gramdse com huu pouco deaçuquere rosado*, *huu pote azull com huu pouco de daçuquare rosado* (FREIRE, 1914: 88). A protecção do conteúdo deste tipo de peças poderia ser feito por testos de barro ou por tecidos envoltos num cordão de amarração. Do excerto de um inventário do início do século XVII, por morte de Fernão Mascarenhas de Elvas, se constata o método de cobertura destas peças: *Hum pano de potes de rrede nova três tostois* (PIRES, 1899: 735).

O regimento de taxas dos oleiros de Coimbra descreve um pote, de aspecto grosso para azeite, bem cintado (CARVALHO, 1917, VI: 233). Além de ter servido para guardar um certo tipo de alimentos como o mel, açúcar, conservas várias<sup>21</sup> e banha, entre outros, é provável que também acompanhasse os serviços de loiça à mesa. Também no século XVI era costume envolver as peças com verga, de modo a evitar que quebrassem com facilidade. Um passo do Inventário da Guarda-Roupa de D. Manuel I mostra esse costume de forrar estes vasilhames: *“cimquo potes de barro forrados de vergua”* (FREIRE, 1914: 143). Este hábito era frequente no quotidiano oitocentista madeirense (cestaria), sobretudo na arte de envolver em vime os garrafões de vinho acondicionados nas adegas.

O exemplar da Junta de Freguesia de Machico, uma peça vidrada com um graffiti na parte externa (Leg. 28), formando as iniciais “RV”, enquadra-se, efectivamente, numa outra vertente que a morfologia do recipiente, enquanto forma fechada, se aproxima da função de armazenagem de líquidos ou de sólidos. Trata-se de um pote impermeabilizado com vidrado verde apenas entre a extremidade do lábio e a totalidade da face interna, mostrando caneluras salientes na área do bordo e da pança. A gravação das letras “RV” constitui, para já, um dado de difícil destrição.

<sup>19</sup> É um tipo de peça que surge, por exemplo, na iconografia do século XVI, nomeadamente no *Libro de Horas de Bretiandos* existente na Academia de Ciências de Lisboa.

<sup>20</sup> Conforme se comprova pelo inventário Setecentista dos bens do Convento da Encarnação do Funchal: *“1 pote para água”*, na serventia dos oficiais (GOMES, 1995: 265).

<sup>21</sup> Veja-se, por exemplo, no inventário do Mosteiro de Évora, 1507, *“potes de barro verdes com conserva de peras e frutas”* (FREIRE, 1914: 90).

### 3.4. A “loiça de pau”

A par das cerâmicas, as fontes impressas referem o fabrico de artefactos de madeira - a chamada loiça de pau - objectos que, segundo os relatos quinhentistas de Gaspar Frutuoso, seriam bastante comuns e apreciados pela população insular. O cronista alude ao seu uso nas ilhas do Porto Santo, onde aliás era comum a madeira dos dragoeiros<sup>22</sup> e em São Miguel, onde ocorria a confecção de cabaças, bacios e escudelas de pau de sanguinho.<sup>23</sup> Ao que parece era uma louça igualmente utilizada em caminhadas<sup>24</sup> e em viagens,<sup>25</sup> sendo muito apreciada<sup>26</sup> para guardar líquidos e cozer alimentos no solo. A preciosidade e a fragilidade destes bens exigiam estratégias quotidianas no sentido de minimizar o impacto do seu extravio. O testemunho, novamente, do cronista das ilhas afigura-se curioso: “se as mulheres ou filhas dele [Fernão Afonso] e dos

outros quebravam alguma, escondiam os pedaços dela pelos não verem seus maridos, como neste tempo, quebrando uma rica porcelana da Índia se escondem os testos dela, para que não soubesse a grande perda que se fazia em uma cabaça” (FRUTUOSO, 2005, IV: 238).

No inventário de bens da Infanta D. Beatriz, datado de 1507, anotam-se vários apetrechos, especificamente: gamelas, trinchos, “bandejas com coberturas e sem elas”, escudelas, trinchos, bacios, salsinhas, saleiros, castiçais, reforçando que todos estes vasilhames eram “*tudo de pau*” (FREIRE, 1914: 97-108). Teixeira Carvalho salienta que era um tipo de apetrechos produzidos em Portugal no século XIV, com a particularidade de a “*conservarem sempre branca*” (CARVALHO, 1918, VII: 146).

<sup>22</sup> “E em muitas partes desta ilha produziu a Natureza muitos dragoeiros, do tronco dos quais se faz muita louça, e muitos são tão grossos, que se fabricam de um só pau barcos que hoje em dia ha, que são capazes de seis, sete homens, que vão pescar neles, e gamelas que levam um moio de trigo. Tira-se desta louça bom proveito, de que se paga dizima a el-Rei (...)”, (FRUTUOSO, 1968: 62).

<sup>23</sup> “E, não tendo naquele tempo potes, nem talhas, nem outra louça, se serviam de cabaças em seu lugar e de bacios e escudelas de pau, e o mais grave bacio que tinham era de pau de sanguinho, com um corte dentro no meio, como talho de carneiro, em que cortavam a carne” (FRUTUOSO, 2005, IV: 238 e ATAÍDE, 1974: 323).

<sup>24</sup> Consta que o donatário de São Miguel, Rui Gonçalves da Câmara, as utilizava nas caminhadas à Achada, São Miguel (FRUTUOSO, 2005, IV: 238).

<sup>25</sup> Na listagem de bens que o Rei Dom Sebastião mandou vir da Flandres e da Alemanha em 1578 para a preparação da Jornada em África enumeram-se mil gamelas de pau pequenas e vinte mil escudelas de pau (Archivo Pittoresco, Vol.III, 1860: 36).

<sup>26</sup> No Colégio dos Jesuítas do Funchal surgem na forma de jarras prateadas (CARITA, 1987: 187), servindo também as preocupações estéticas nos espaços de interior.



14. A confecção de colheres de pau pelo artesão Luís Guilherme Correia, Freguesia de Gaula.

Embora não surja compreensivelmente no registo arqueológico, estamos em crer que seriam apetrechos muito comuns na quotidianidade material quatrocentista e pós-quinhentista, estando a sua confecção sujeita à disponibilidade da matéria-prima e às restrições no abate de vegetação. Este tipo de loiça foi, ainda bastante usada, nos séculos XIX e XX nas ilhas. Por exemplo, parte da utensilagem rural madeirense (medidas para capacidade metrológica; recipientes para uso da cozinha e de adega) foi confeccionada em madeira de espécies distintas. Kate Brüdt, na descrição do interior da casa madeirense do início do século XX, destaca quatro objectos em madeira de uso quotidiano, além dos de barro<sup>27</sup> e folha:<sup>28</sup> o pote (balde de madeira); a caneca (usada para buscar água) e dois tipos de “quarto” (usado para deitar o sal), BRÜDT, 1937: 88-89). Nos dias de hoje, persiste, com uma significativa expressão na Freguesia de Gaula, a confecção das típicas colheres e mexilhões de pau.<sup>29</sup>

A loiça regional De extenso manancial dos grupos cerâmicos arqueológicos estudados, a expressiva maioria encaixa no grupo da loiça de importação. Os artefactos fabricados pelos oleiros da Madeira e dos Açores surgem, com alguma expressão quantitativa, nos estratos arqueológicos seiscentistas, embora o estado prematuro da investigação ceramológica nos arquipélagos em estudo impeça o estabelecimento de análises mais pormenorizadas quanto aos índices de consumo.

<sup>27</sup> Bilha, infusa, alguidar e púcara.

<sup>28</sup> Leiteira e catano.

<sup>29</sup> Cfr., Luísa Gonçalves e Duarte Gomes, “Uma arte que vem de Gaula. José Andrade e as suas colheres de pau”, *Xarabanda*, n.º7, Funchal, 1995, pp. 25-27.

## Biografia

AAVV (1998) – “A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV Ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar”, *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval de Tondela*, Porto, Câmara Municipal de Tondela, pp. 185-210.

AHM – *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. I, n.º 1 e 2, 1931, pp. 15-20; Vol. XVIII, doc. n.º 349, 10 de Janeiro de 1512, 1974, (Transcrição de Luís de Sousa Melo).

ARM, CMF, Vereações, L.º 1324, fl. 9, 12 e 26, 1626, 1627; L.º 1326, 1632, fl. 33; L.º 1327, fl.19.

*Archivo Pittoresco*, Vol. III, Lisboa, 1860, pp. 35-36, “Antiguidades Nacionaes. Aprestos que E-Rei D. Sebastião mandou fazer a Flandres e Allemanha para a jornada de África”.

ARNAUT, Salvador Dias (1986) – *A Arte de Comer em Portugal na Idade Média (Introdução ao “Livro de Cozinha” da Infanta D. Maria de Portugal)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de (1973-1974) - *Etnografia, Arte e Vida Antiga nos Açores*, Vols. I e II, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

BLUTEAU, Rafael (1712-1728) - *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos...*, Coimbra, Vols. I, II, III, IV e V, Collegio das Artes da Companhia de Jesus.

BRÜDT, Käte (1937) – “Madeira Estudo linguístico-etnográfico”, *Boletim de Filologia*, Tomo V, fascículos 1-2, Lisboa, pp. 59-91.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1999) – *Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais*, Separata de Arqueologia Medieval, n.º 6.

CARITA, Rui (1987) – *O Colégio dos Jesuítas no Funchal*, Vols. I e II, Funchal, Secretaria Regional da Educação.

CARVALHO, Teixeira (1917-1918) – “A cerâmica coimbrã. Séculos XVI e XVII”, *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, VI, n.ºs 1 e 2; 3 e 4, pp. 183-241; pp. 422-468; VII, pp. 127-167).

COSTA, José Pereira, transc. (1995) – *Vereações da Câmara Municipal do Funchal. Século XV*, 1.ª edição, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

DEETZ, James (1980) – “A sense of another world: history museums and cultural change”, *Museum News*, 58 (6), Washington, pp. 40-45.

FERNANDES, Isabel; FAURE, Francisco (2010) – “A cerâmica, um modo de conhecer o quotidiano de outros tempos”, *Núcleo Arqueológico da Associação Comercial e Industrial de Guimarães*, FERNANDES, Isabel e MARTINS, Manuel, coord., Guimarães, Associação Comercial e Industrial de Guimarães, pp. 11-51.

FERRO, João Pedro (1996) – *Arqueologia dos Hábitos Alimentares*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

FONSECA, Jorge (1991) – “O interior doméstico em Montemor-o-Novo no século XVII”, *Almansor*, n.º 9, Montemor-o-Novo, pp. 155-194.

FREIRE, Anselmo Braamcamp (1914) - “Inventario da Guarda-Roupa de D. Manuel.” *Archivo Historico Portuguez*, Vol. IX, pp. 64-110.

FRUTUOSO, Gaspar (2005) - *Saudades da Terra*, Livros III e IV, Ponta Delgada, Instituto Cultural da Ponta Delgada.

FRUTUOSO, Gaspar (1968) – *Livro Segundo das Saudades da Terra (introdução e notas de João Oliveira Rodrigues)*, Ponta Delgada, Instituto Cultural da Ponta Delgada.

GIL, Maria Olímpia da Rocha (1979) - *O Arquipélago dos Açores no Século XVII. Aspectos sócio-económicos (1575-1675)*, Castelo Branco, edição da autora.

GOMES, Eduarda Maria de Sousa (1995) - *O Convento da Encarnação do Funchal. Subsídios para a sua História 1660-1777*, Funchal, CEHA.

GONÇALVES, Luísa; GOMES, Duarte (1995) - “Uma arte que vem de Gaula. José Andrade e as suas colheres de pau”, *Xarabanda*, n.º 7, Funchal, pp. 25-27.

HURST, John; NEAL, David S.; BEUNINGEN H. J. Van (1986) - *Pottery produced and traded in Northwest-Europe 1350-1650*, (Rotterdam Papers VI), Rotterdam, Foundation “Dutch Domestic Utensils.

LAURIUOX, Bruno (1992) – *A Idade Média à Mesa*, (s.l.), Publicações Europa- América.

LEÃO, Manuel (1999) – *A Cerâmica em Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Gaia*, Fundação Manuel Leão.

LEITE, Jerónimo Dias (1947) – *Descobrimento da Ilha da Madeira e Discurso da Vida e Feitos dos Capitães da dita Ilha*, (introdução e notas de João Franco Machado), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1987) – *A Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da Vida Quotidiana*, 5.ª edição, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

MARTIN, Colin (1979) – “Spanish Armada pottery”, *The International Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration*, Vol. 8, n.º 4, pp. 279-302.

MOREIRA, Manuel (1990) – *Os Mercadores de Viana e o comércio do açúcar brasileiro no século XVII*, Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo.

PEQUITO, Luís; BARROS, Luís (2000) – *O Núcleo Medieval/Moderno de Almada Velha. O passado como expressão do presente*, Almada, Câmara Municipal de Almada.

PIRES, A. Thomaz (1899) – “Materiaes para a Historia da Vida Urbana Portugueza. A mobília, o vestuário e a sumptuosidade nos séculos XVI a XVIII”, *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 16.ª Série, n.º 12, Lisboa, pp. 703-811.

*Posturas que fizeram os officiaes do anno de oiteta e sete (1587)*, Arquivo Histórico da Madeira. Vol I, n.ºs 1 e 2, 1931.

RIBEIRO, Luís da Silva (1982) – *Obras. Etnografia Açoriana*, I, Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira.

RIBEIRO, Margarida (1984) – *Olaria de uso doméstico na arquitectura conventual do século XVI*, Montemor-o-Novo, Edição do Grupo de Amigos de Montemor-o-Novo (Cadernos de Etnologia, 1).

SOUSA, Élvio Duarte Martins (2003) - *Arqueologia na Área Urbana de Machico. Leituras do Quotidiano nos séculos XV, XVI e XVII*, Gaula, 2003 (Dissertação de Mestrado em História Regional e Local apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

SOUSA, Élvio Duarte Martins (2011) - *Ilhas de Arqueologia. O Quotidiano e a Civilização Material na Madeira e nos Açores (século XV a XVIII)*, Lisboa, 2011, Dissertação de Doutoramento em História Regional e Local apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), (Islands of Archaeology. The daily life and the Material Civilization in Madeira and Azores (15th-18th centuries, link: [http://ceam.pt/?page\\_id=13](http://ceam.pt/?page_id=13)).

TEIXEIRA, Ricardo; DORDIO, Paulo (1998) – “Como pôr ordem em 500 000 fragmentos de cerâmica? Ou discussão da metodologia de estudo da cerâmica na intervenção arqueológica da Casa do Infante (Porto)”, *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, n.º2, Barcelos, pp.115 – 124.

# Catálogo



**Identificação/Denominação: "Travessa"**

**Acrônimo/referência:** Leg. N.º1

**Cronologia:** Porcelana Chinesa, Companhia das Índias, Dinastia Quianlong, década de 1760 ou inícios de 1770.

**Descrição:** Peça de produção chinesa de formato oval, provavelmente de influência da porcelana de Meissen pela ornamentação tipicamente rococó em toda a peça, tais como as pequenas flores em relevo, o efeito rendilhado e os "concheados", geralmente denominados como "asa de morcego", bem como as flores desenhadas tanto na face nobre como no tardo e a pasta moldada. Bordos recortados, imitando um cesto de vime, num gosto introduzido pela porcelana de Meissen e utilizando a técnica tradicional designada como Ling-long. Na cartela a figura de uma raposa olhando a imagem de um pato numa poça de água e a legenda acima transcrita. Designação da inscrição: "NON TIBI SPIRO"

**Dimensões:** DB: 19,8cm, AL: 2,5cm

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação: Prato "Moranguieiro"**

**Acrônimo/referência:** Leg. N.º2

**Cronologia:** Porcelana Chinesa, Companhia das Índias, Dinastia Quianlong, década de 1760 ou inícios de 1770.

**Descrição:** "Prato" de produção chinesa dotados de três pequenos pés, os quais seriam colocados sobre pratos rasos e se destinariam a "levar à mesa" alimentos frescos acabados de lavar, tais como frutas ou vegetais. Com uma ornamentação tipicamente rococó com destaque para a decoração profusamente perfurada, para os "concheados", geralmente denominados como "asa de morcego", bem como as flores

desenhadas tanto na face nobre como no tardo. No vidrado base branco denota-se uma decoração relevada. No tardo apresenta um desenho de uma cana de bambu e algumas flores variadas e frutas.

**Dimensões:** DB: 22,5cm, AL: 5,2cm

**Proveniência:** Leilões: "North Mymms Park", Christie's, Londres, 24-26/9/1979 / "The Hodroff collection", Christie's, Nova Iorque, 2007.

**Referências:** Reprodução fotográfica a págs. 133 de, "The Choice of the Private Trader", David S. Howard, "The Minneapolis Institute of Art", Londres, 1994; "Metropolitan Museum of Art Bulletin, Winter 2003"; Le Corbeiller & Frelinghuysen, pág.33.

**Exposições:** "The China Institute", 1973 / "Minneapolis Institute of Art", 1997.

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação: Prato**

**Acrônimo/referência:** Leg. N.º3

**Cronologia:** Porcelana Chinesa, Companhia das Índias, Dinastia Quianlong, década de 1760 ou inícios de 1770.

**Descrição:** Prato fundo de produção chinesa com uma ornamentação tipicamente rococó com destaque para a decoração relevada no vidrado base branco, para o "concheado" também denominado de "asa de morcego". As flores como as frutas delicadamente desenhadas tanto na face nobre como no tardo parecem muito com a decoração das porcelanas de Meissen, no entanto o desenho de cana de bambu é tipicamente chinesa. Acabamento com um filme a dourado sobre o vidrado em torno do bordo. Cartela representando um homem que foge das setas do Cupido e a legenda transcrita: "SERO NIMIS".

**Dimensões:** DB: 20,7cm, AL: 4cm

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação: Prato**

**Acrônimo/referência:** Leg. N.º4

**Cronologia:** Porcelana Chinesa, Companhia das Índias, Dinastia Quianlong, década de 1760 ou inícios de 1770.

**Descrição:** Prato raso de produção chinesa com uma ornamentação relevada no vidrado base branco, e ao centro o "concheado" também denominado de "asa de morcego". As flores como as frutas delicadamente desenhadas tanto na face nobre como no tardo assemelham-se muito à decoração da porcelana de Meissen, no entanto, o desenho de cana de bambu é origem particularmente chinesa. Acabamento com um filme a dourado sobre o vidrado em torno do bordo. Na cartela a representação de uma teia de aranha e a legenda transcrita: "INTERRUPTA RETEXAM".

**Dimensões:** DB: 25,8cm, AL: 3,2cm

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Bibliografia:** "The Choice of the Private Trader", David S. Howard, ed. "The Minneapolis Institute of Art", London, 1994.

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação: Prato**

**Acrônimo/referência:** Leg. N.º 5

**Cronologia:** Porcelana Chinesa, Companhia das Índias, Dinastia Quianlong, década de 1760 ou inícios de 1770.

**Descrição:** Prato raso de produção Chinesa com uma ornamentação relevada no vidrado base branco, e ao centro o "concheado" também denominado de "asa de morcego". As flores como as frutas delicadamente desenhadas tanto na face nobre como no tardo assemelham-se muito à decoração da porcelana de Meissen, no entanto, o desenho de cana de

bambu é origem particularmente chinesa. Acabamento com um filme a dourado sobre o vidro do bordo. Cartela representando três figuras humanas que ladeiam uma vela acesa sobre um pedestal e a legenda transcrita: "AMORE CRUCIORE".

**Dimensões:** DB: 25,5cm, AL: 3,2cm

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lacunas junto ao bordo. Restauro não efectuado.

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação:** Prato

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º6

**Cronologia:** Porcelana Chinesa, Companhia das Índias, Dinastia Quianlong, década de 1760 ou inícios de 1770.

**Descrição:** Prato fundo de produção Chinesa com uma ornamentação relevada no vidro base branco, e ao centro o "concheado" também denominado de "asa de morcego". As flores como as frutas delicadamente desenhadas tanto na face nobre como no tardo assemelham-se muito à decoração da porcelana de Meissen, no entanto, o desenho de cana de bambu é origem particularmente chinesa. Acabamento com um filme a dourado sobre o vidro à volta do bordo. Cartela representando uma coroa de louros e a legenda transcrita: "HINC LABOR HINC MERCES".

**Dimensões:** DB: 23cm, AL: 4cm

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação:** Prato

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º7

**Cronologia:** Porcelana Chinesa, Companhia das Índias, Dinastia Quianlong, década de 1760 ou inícios de 1770.

**Descrição:** Prato fundo de produção Chinesa com uma ornamentação relevada no vidro base branco, e ao centro o "concheado" também denominado de "asa de morcego". As flores como as frutas delicadamente desenhadas tanto na face nobre como no tardo assemelham-se muito à decoração da porcelana de Meissen, no entanto, o desenho de cana de bambu é origem particularmente chinesa. Acabamento com um filme a dourado sobre o vidro à volta do bordo. Cartela representando uma tulipa e a legenda transcrita: "ABSENTE SOLE LANGUESCO".

**Dimensões:** DB: 23cm, AL: 2,8cm

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação:** Prato

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º8

**Cronologia:** Porcelana Chinesa, Companhia das Índias, Dinastia Quianlong, década de 1760 ou inícios de 1770.

**Descrição:** Prato fundo de produção chinesa com uma ornamentação relevada no vidro base branco, e ao centro o "concheado" também denominado de "asa de morcego". As flores como as frutas delicadamente desenhadas tanto na face nobre como no tardo assemelham-se muito à decoração da porcelana de Meissen, no entanto, o desenho de cana de bambu é de origem particularmente chinesa. Acabamento com um filme a dourado sobre o vidro à volta do bordo. Cartela representando um homem a meio corpo dentro de uma cova e que olha o sol e a legenda transcrita: "TIBI PARAT".

**Dimensões:** DB: 22,9cm, AL: 2,6cm

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Apresenta uma pequena lacuna no bordo. Restauro não efectuado

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação:** Prato

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º9

**Cronologia:** Porcelana Chinesa, Companhia das Índias, Dinastia Quianlong, década de 1760 ou inícios de 1770.

**Descrição:** Prato fundo de produção Chinesa com uma ornamentação relevada no vidro base branco, e ao centro o "concheado" também denominado de "asa de morcego". As flores como as frutas delicadamente desenhadas tanto na face nobre como no tardo assemelham-se muito à decoração da porcelana de Meissen, no entanto, o desenho de cana de bambu é de origem particularmente chinesa. Acabamento com um filme a dourado sobre o vidro à volta do bordo. Cartela representando uma serpente trespassada por uma espada sustentada por uma mão que surge do alto e a legenda transcrita: "DUM SPIRO SPERO".

**Dimensões:** DB: 23cm, AL: 3cm

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Apresenta uma pequena lacuna no bordo. Restauro não efectuado.

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação:** Prato

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º10

**Cronologia:** Porcelana Chinesa, Companhia das Índias, Dinastia Quianlong, década de 1760 ou inícios de 1770.

**Descrição:** Prato fundo de produção Chinesa com uma ornamentação relevada no vidro base branco, e ao centro o "concheado" também denominado de "asa de morcego". As flores como as frutas delicadamente desenhadas tanto na face nobre como no tardo assemelham-se muito à decoração

da porcelana de Meissen, no entanto, o desenho de cana de bambu é de origem particularmente chinesa. Acabamento com um filme a dourado sobre o vidro à volta do bordo. Cartela representando um cão que contempla as estrelas e a legenda transcrita: "NEC ARDENTIOR NEC FIDELIS".

**Dimensões:** DB: 23cm, AL: 2,7cm

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação:** Prato

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º11

**Cronologia:** Porcelana Chinesa, Companhia das Índias, década de 1760 ou inícios de 1770.

**Descrição:** Prato fundo de produção Chinesa com uma ornamentação relevada no vidro base branco, e ao centro o "concheado" também denominado de "asa de morcego". As flores como as frutas delicadamente desenhadas tanto na face nobre como no tardo assemelham-se muito à decoração da porcelana de Meissen, no entanto, o desenho de cana de bambu é origem particularmente chinesa. Acabamento com um filme a dourado sobre o vidro à volta do bordo. Cartela representando dois corações flamejantes e a legenda transcrita: "UT DUO UNUM COMPONANT".

**Dimensões:** DB: 23cm, AL: 3cm

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação:** Par de taças

**Acrónimo/referência:** Legs. N.º12 e 13

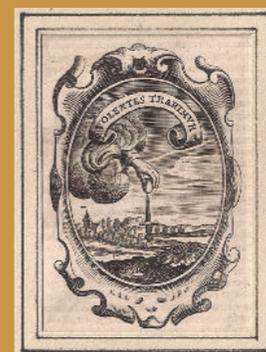
**Cronologia:** Século XVIII

**Descrição:** Par de taças do naufrágio "Nanking Cargo" decoradas em azul e branco, da Dinastia Qing (Reinado Qianlong, 1736-1795).

**Dimensões:** DE: 15, 3cm.

**Proveniência:** Naufrágio do navio da VOC, "Geldermasen", ocorrido em 3/1/1752 com uma carga de 220.000 (duzentas e vinte mil) peças de porcelana. Conjunto frequentemente designado por "Hatcher 2", do nome do responsável pela recuperação do naufrágio ou "Nanking Cargo", designação do leilão onde foram vendidas as respectivas peças.

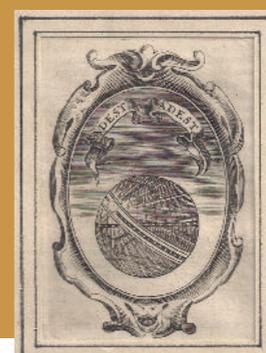
Referências: Reprodução fotográfica da pág. 144 de "The Hatcher Porcelain Cargoes", Colin Sheaf e Richard Kilburn, "The Nanking Cargo", Hatcher & Thorncroft; "The Geldermasen, History and Porcelain", Jörg; Leilão da Christie's, Amsterdão, 28/4 – 2/5/1986.



**Identificação/Denominação:** Gravura

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º14

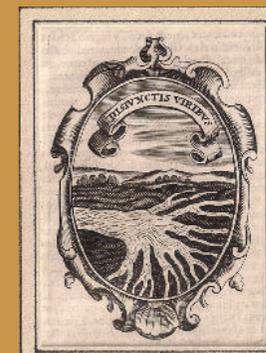
**Descrição:** "Idea de um príncipe político christiano, representada em cien empresas", Diego Saavedra Fajardo, 2 edição, Veneza, 1648.



**Identificação/Denominação:** Gravura

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º15

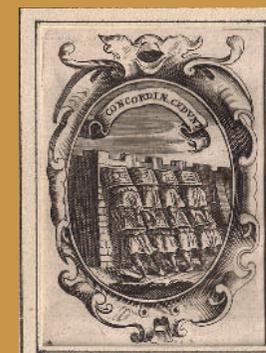
**Descrição:** "Idea de um príncipe político christiano, representada em cien empresas", Diego Saavedra Fajardo, 2 edição, Veneza, 1648.



**Identificação/Denominação:** Gravura

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º16

**Descrição:** "Idea de um príncipe político christiano, representada em cien empresas", Diego Saavedra Fajardo, 2 edição, Veneza, 1648.



**Identificação/Denominação:** Gravura

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º17

**Descrição:** "Idea de um príncipe político christiano, representada em cien empresas", Diego Saavedra Fajardo, 2 edição, Veneza, 1648.



**Identificação/Denominação: Gravura**

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º18

**Descrição:** "Ideia de um príncipe político cristiano, representada em cien empresas", Diego Saavedra Fajardo, 2 edição, Veneza, 1648.



**Identificação/Denominação: Gravura**

**Acrónimo/referência:** Leg. N.º19

**Descrição:** "Ideia de um príncipe político cristiano, representada em cien empresas", Diego Saavedra Fajardo, 2 edição, Veneza, 1648.



**Identificação/Denominação: Prato**

**Acrónimo/referência:** JFM/00-3-501/ Leg. N.º20

**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Fragmento de bordo e bojo de prato com a superfície interna engobada e brunida de cor vermelha M37. Pasta compacta, de cor cinzenta M71 e com abundantes ENP (micas e quartzo). Bordo extrovertido, de lábio afilado.

**Dimensões:** DE: 210mm, EB: 10mm, EBJ: 12mm

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação: Tigela**

**Acrónimo/referência:** QP/00-324/ Leg. N.º21

**Cronologia:** Século XVI

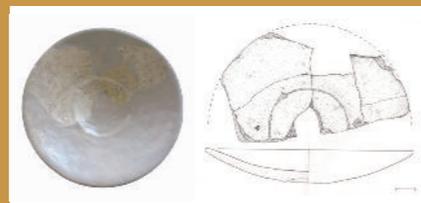
**Descrição:** Perfil de tigela quincentistas da região de Aveiro, de pastas de textura semi-compacta de cor vermelha (M20), com abundantes ENP's quartzosos e micáceos. Superfícies almagraadas e acetinadas e bases em pé de anel. Bordo ligeiramente extrovertido e lábio afilado.

**Dimensões:** DE: 160mm.

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação: Prato**

**Acrónimo/referência:** JFM/06-22-3043 /Leg. N.º22

**Cronologia:** Século XVII

**Descrição:** Fragmento de perfil de um prato de louça de mesa, branca lisa sem decoração (classificada de "Columbia Plain"), exibindo uma pasta de trama semi-compacta de cor

rosada (K29). Superfícies esmaltadas a óxido de estanho, observando-se na parte inferior um ônfalo saliente rodeado por um filete relevado e uma base côncava. Bordo não espessado de lábio ligeiramente afilado.

**Dimensões:** DE: 225mm, EB: 5mm, EBJ: 10mm, AL: 30mm

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Fotografia:** Rafael Nunes



**Identificação/Denominação: Prato**

**Acrónimo/referência:** CP/03-976/ Leg. N.º23

**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Exemplar de um prato de louça de mesa, branca lisa sem decoração (classificada de "Columbia Plain"), exibindo uma pasta de trama semi-compacta de cor rosada (K29). Superfícies esmaltadas a óxido de estanho, observando-se na parte inferior, um ônfalo saliente e uma base concava. Bordo com inflexão externa e lábio aplanado.

**Dimensões:** DE: 200mm, EB: 12mm, AL: 40mm

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação: Tigela**

**Acrónimo/referência:** JFM/00-4-4 / Leg. N.º24

**Cronologia:** Século XVII

**Descrição:** Fragmento de corpo de taça de faiança portuguesa esmaltada a branco. Pasta compacta de cor branca K71. Bordo ligeiramente extrovertido e lábio convexo. Apresenta na superfície externos motivos predominantemente vegetalistas, articulados com decoração geométrica. O

fundo da peça apresenta círculos concêntricos. Base de assentamento anelar.

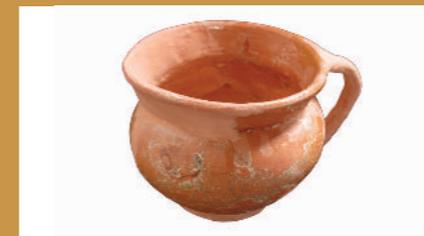
**Dimensões:** EB: 4mm, EF: 7mm, DE: 110mm

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Fotografia:** Rafael Nunes



**Identificação/Denominação: Pucarinho**

**Acrónimo/referência:** JFM/06-22-3094/ Leg. N.º25

**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Perfil de um pucarinho de cerâmica fina não vidrada com pasta de textura compacta, de tonalidade alaranjada (M49), com elementos não plásticos micáceos de fina dimensão. Bordo espessado externamente, lábio boleado e base de assentamento em aresta. As superfícies apresentam uma aguada tênue na cor semelhante à pasta. Fractura exposta na área do bordo, denunciando vestígios de uma asa.

**Dimensões:** DE:70mm, DB: 49mm, AL: 70mm EB: 5mm EP: 3mm.

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Fotografia:** Rafael Nunes



**Identificação/Denominação: Prato**

**Acrónimo/referência:** CP/03-911 Leg. N.º26

**Cronologia:** Século XVII

**Descrição:** Fragmento de perfil de um prato executado em faiança portuguesa da primeira metade do século XVII, exibindo decoração geométrica apenas na superfície interna. Pasta de textura compacta de coloração clara, K71, com escassos ENP's. Bordo extrovertido e lábio afilado. Base de

assentamento anelar.

**Dimensões:** DE: 220mm EB: 5mm EBJ: 6mm EF: 120mm

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Fotografia:** Rafael Nunes



**Identificação/Denominação: Testo**

**Acrónimo/referência:** CPM/06-5-5934 / Leg. N.º27

**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Exemplar de um testo com pitorra de cerâmica comum, de pasta com trama semi-compacta de cor acastanhada (N27), com abundantes quartzosos de tamanho pequeno e médio e micáceos de tamanho reduzido. Bordo extrovertido e lábio boleado. Base de assentamento em disco.

**Dimensões:** ALT: 21mm EB: 6mm EP: 7mm

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação: Pote**

**Acrónimo/referência:** JFM/06-22-3111 / Leg. N.º28

**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Fragmento de bordo, bojo e pança de um pote de cerâmica vidrada, exibindo um bordo extrovertido, com reentrância interna para componente de fecho, lábio boleado. Pasta de textura compacta de cor acinzentada (N73) contendo escassos desengordurantes. O vidrado verde aparece apenas entre a extremidade do lábio e a totalidade

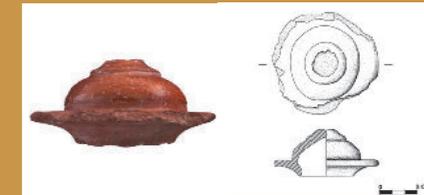
da superfície interna. São visíveis também caneluras nas áreas do bordo e pança. Exibe na superfície externa, um graffiti com as iniciais "RV".

**Dimensões:** DE: 135 mm EB: 7mm EP: 4mm.

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Rafael Nunes



**Identificação/Denominação: Tampa**

**Acrónimo/referência:** JFM.P/00-4-39/ Leg. N.º29

**Cronologia:** Século XVII

**Descrição:** Tampa de cerâmica comum de produção local madeirense, com a superfície externa engobada a vermelho escuro T20, com pasta ligeiramente grosseira de cor castanho avermelhado S27. Presença escassa de ENP.

**Dimensões:** DE: 90mm, AL: 39mm

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Reconstituição gráfica:** Lígia Gonçalves

**Fotografia:** Miguel Nunes



**Identificação/Denominação: Tampa de Boião**

**Acrónimo/referência:** CP/03-869/ Leg. N.º30

**Cronologia:** Século XVIII

**Descrição:** Fragmento de uma tampa de faiança portuguesa, possivelmente de uma fase tardia da monocromia azul sobre branco. Pasta de textura compacta de cor creme, L75, com escassos ENP's. Decoração a azul formando semi-círculos na superfície externa.

**Dimensões:** EP: 5mm

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Rafael Nunes



**Identificação/Denominação:** Prato  
**Acrônimo/referência:** JFM/06-22-3044 / Leg. N.º31  
**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Fragmento de perfil de um prato de louça de mesa de importação, decorado a azul-linear com base de assentamento em aresta. Superfícies esmaltadas exibindo, no interior, junto ao ônfalo e linha do bordo, duas linhas paralelas, onduladas e concêntricas. Pasta de textura compacta e homogênea de cor creme (K51) com escassos desengordurantes.

**Dimensões:** DE: 223mm, EB: 6mm, EBJ: 10mm, AL: 30mm  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves  
**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Prato  
**Acrônimo/referência:** JFM/06-22-3026/ Leg. N.º32  
**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Fragmento de semi-perfil de um prato de fabrico andaluz das séries Isabella Polychrome, com decoração geométrica e vegetalista a azul e vinoso. Pasta de textura semi-compacta de cor clara (K51), sem desengordurantes visíveis. Bordo ligeiramente extrovertido e lábio convexo.

**Dimensões:** DE: 282mm, EB: 6mm, EBJ: 7mm, AL: 40mm  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves  
**Fotografia:** Miguel Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Prato  
**Acrônimo/referência:** JFM/06-22-3017/ Leg. N.º33  
**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Fragmento de bordo e bojo de um prato de Majólica Italiana de Montelupo, de pasta de textura compacta e homogênea, de cor creme (K33). O interior exhibe decoração geométrica com linhas paralelas junto à linha do bordo e motivos vegetalistas na área da aba. A decoração é típica da produção de Valdarno, em particular da região montelupina da primeira década do séc. XVI. Bordo de inflexão externa e lábio arredondado.

**Dimensões:** DE: 250 mm EB: 6 mm EBJ: 8 mm  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Escudela  
**Acrônimo/referência:** JFM/06-22-3027/ Leg. N.º34  
**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Fragmento de semi-perfil de uma escudela carenada com decoração geométrica a azul e vinoso andaluza. Pasta de textura semi-compacta de cor clara (K51). Bordo direito e lábio afilado.

**Dimensões:** DE: 130mm, EB: 4mm, EBJ: 11mm,  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Escudela  
**Acrônimo/referência:** JFM/06-22-3028/ Leg. N.º35  
**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Fragmento de perfil de uma escudela com base de assentamento anelar e de bordo ligeiramente inclinado para o exterior e lábio afilado. Pasta de textura semi-compacta de cor rosada (L51), com escassos desengordurantes. Superfícies vidradas a óxido de estanho com desgaste significativo.

**Dimensões:** DE: 142mm, EB: 5mm, EBJ: 14mm  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Garrafa  
**Acrônimo/referência:** FX/1998-3/Leg. N.º36  
**Cronologia:** Século XVII

**Descrição:** Fragmento de semi-perfil de uma garrafa de grés do tipo "Bellarmine", possivelmente de produção germânica da primeira metade do séc. XVII. Pasta de textura porosa, de coloração creme (L70). Na superfície externa observa-se a estilização da figura antropomórfica masculina, com barbas que encimam um escudo de armas. Asa lateral fracturada de secção circular.

**Dimensões:** EP: 7mm  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Prato  
**Acrônimo/referência:** CPM/06-5-5842/Leg. N.º37  
**Cronologia:** Século XVII

**Descrição:** Fragmento de bordo e bojo de um prato com as superfícies brunidas, da região de Aveiro. Pasta com abundantes desengordurantes micáceos e quartzosos de pequena dimensão, de textura semi-compacta de cor alaranjada (N39). Bordo espessado externamente e lábio ligeiramente aplanado.

**Dimensões:** EB: 8mm; EBJ: 12mm.  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Prato  
**Acrônimo/referência:** JFM/06-22-3389/Leg.s N.º38  
**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Fragmento de bordo e bojo de um prato melado com decoração a óxido de manganês na superfície interna, exibindo uma pasta de textura compacta de tonalidade bege (K91), com desengordurantes micáceos e nódulos de barro cozido. As superfícies externas denunciam marcas do uso de trempe. Bordo extrovertido e lábio ligeiramente arredondado com reentrância na área interna do bordo.

**Dimensões:** DE: 245mm EB: 6mm EBJ: 8mm  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Prato  
**Acrônimo/referência:** CTM/03-24-2149/Leg.s N.º39  
**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Fragmento de prato melado com decoração a óxido de manganês na superfície interna, exibindo uma pasta de textura compacta de tonalidade bege (K91), com desengordurantes micáceos e nódulos de barro cozido. As superfícies externas denunciam marcas do uso de trempe.

Bordo extrovertido e lábio ligeiramente arredondado com reentrância na área interna do bordo.  
**Dimensões:** DE: 240mm EB: 6mm EBJ: 7mm.  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Púcaro  
**Acrônimo/referência:** JFM/05-22-4, Leg. N.º40  
**Cronologia:** Segunda metade do Século XV

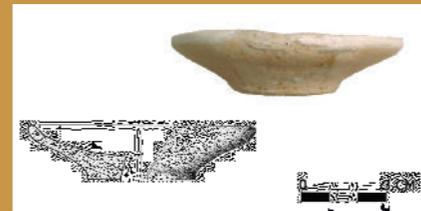
**Descrição:** Perfil de um púcaro de corpo esférico, com pasta semi-compacta, de tonalidade rosa escuro M33, com ENP em quantidade escassa (micas e feldspato), distribuídos regularmente. Superfícies externa e interna engobadas de cor rosada M35, com vestígios de carbonização. Bordo ligeiramente introvertido e lábio boleado. Base e fundo ligeiramente convexos.

**Dimensões:** DE: 72mm, EB: 4mm, EBJ: 4mm, EP: 5mm, AL: 83mm  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Salseira  
**Acrônimo/referência:** JFM/00-4-70, Leg. N.º41  
**Cronologia:** Século XVII

**Descrição:** Fragmento de perfil de uma pequena taça esmaltada a branco e de base rasa. Esmalte pouco espesso, com revestimento apenas na superfície interna. Pasta muito bem depurada de cor creme K91, com escassos ENP.  
**Dimensões:** DE: 82mm, EB: 5mm, EBJ: 6mm, EF: 7mm  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho  
**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves  
**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



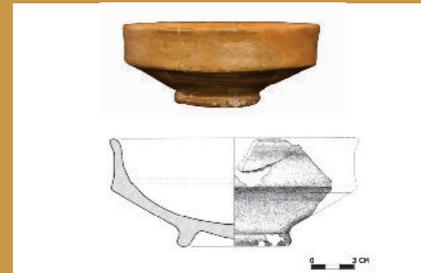
**Identificação/Denominação:** Jarro  
**Acrônimo/referência:** CP/03-508, Leg. N.º42  
**Cronologia:** Século XVIII

**Descrição:** Fragmento de semi-perfil de um jarro com bico de faiança portuguesa do séc. XVII, exibindo uma decoração azul scobalte sobre esmalte branco, com figuras geométricas e motivos antropomórficos. Pasta de textura compacta de cor creme, L75, com escassos ENP's.

**Dimensões:** EP: 5mm.  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Escudela  
**Acrônimo/referência:** CTM/03-19-16/Leg. N.º43  
**Cronologia:** Século XVI

**Descrição:** Perfil completo de escudela carenada, de pasta compacta, de cor creme K91, com escassos ENP e superfícies meladas. Bordo ligeiramente extrovertido, de lábio convexo e base de assentamento anelar.

**Dimensões:** DE: 175mm, EB: 6mm, EBJ: 9mm.  
**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico  
**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Rafael Nunes



**Identificação/Denominação:** Faca

**Acrónimo/referência:** SC/01-5257 / Leg. N.º44

**Cronologia:** Século XVIII

**Descrição:** Exemplar em ferro com uma extremidade pontiaguda, seguida de um corpo rectangular, mostrando uma lateral lisa e uma lateral mais fina (utilizada para cortar) carecendo de pequenos fragmentos. O cabo do utensílio alarga-se em direcção à extremidade e ostenta dois orifícios ao longo do seu comprimento, onde estaria conectado o cabo da faca.

**Dimensões:** Mede 154mm de comprimento. A lâmina de corte mede 16mm de largura.

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —



**Identificação/Denominação:** Colher

**Acrónimo/referência:** SC/01-5258 / Leg. N.45

**Cronologia:** Século XVIII

**Descrição:** Utensílio de formato convexo semi-circular, ostentando um pequeno cabo cilíndrico no topo com 4mm de espessura. Achado ocasional da área urbana de Santa Cruz.

**Dimensões:** Mede 48mm de comprimento por 28mm de largura.

**Propriedade:** Câmara Municipal de Machico

**Exposição:** Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho

**Fotografia:** Rafael Nunes

— • —

## Ficha Técnica do Catálogo

**Título:** “Sero Nimis” ou “Ao Amor ninguém Escapa”.  
A propósito da Loiça de Mesa entre os séculos XV e XVIII.

**Foto Capa:** Leg. 2

**Coordenação:** Élvio Duarte Martins Sousa e João Palla Lizardo

**Textos:** Élvio Duarte Martins Sousa / Isabel Maria Fernandes/ João Palla Lizardo / Lígia F. Correia Gonçalves

**Fotografia:** Miguel Nunes

**Design Gráfico:** Filipa Aveiro / Ricardo Caldeira

**Edição:** Câmara Municipal De Machico

**Data de Edição:** Outubro de 2012

**Depósito Legal:** 350760/12

## Ficha Técnica da Exposição

**Título:** “Sero Nimis” ou “Ao Amor ninguém Escapa”

**Textos:** João Lizardo / Élvio Duarte Martins Sousa

**Coordenação:** João Lizardo / Élvio Duarte Martins Sousa / Isabel Gouveia

**Serviços Educativos:** Isabel Gouveia

**Secretariado:** Ana Filipa Vieira / Diogo Costa / José Ricardo Félix / Lígia Gonçalves / Rafael Fabrício Nunes

**Local:** Sala de Exposições Temporárias do Núcleo Museológico de Machico – Solar do Ribeirinho

**Data da Exposição:** Outubro de 2012 a Abril de 2013

**Conservação e Restauro:** Lígia Gonçalves

**Concepção Gráfica:** Filipa Aveiro

**Impressão:** Gabinete de Topografia da Câmara Municipal de Machico